

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O ESTADO DE S. PAULO Class.: 972Data 13/11/85 Pg.: _____

Os índios e a tirania do fraco

190
As notícias que envolvem índios ou focalizam a atividade de quem se envolve com eles se têm multiplicado na imprensa, nos últimos dias, a partir da rumorosa demissão do presidente da Funai, na semana passada. A frente dessa entidade durante dois meses, Álvaro Villas Boas criticou a presença constante de centenas de índios em Brasília; e negou-se a despachar em seu gabinete enquanto capitães e caciques de tribos lhe assediavam a mesa de trabalho. Pois é bom que o leitor esteja informado de que também entre indígenas existe uma *nova classe*, que há muito abandonou as aldeias e borboleteta pela Capital Federal, *fazendo política*. Não é por outra razão que em manchetes de jornais de sábado último se dá conta de haver a Seplan liberado verba de nada menos de 20 bilhões de cruzeiros para pagamento de dívidas contraídas pela própria Funai com a hospedagem e a alimentação de índios em Brasília — e para a manutenção das delegacias regionais. Só neste ano verbas suplementares do valor de 32 bilhões de cruzeiros foram autorizadas pela mesma Seplan para socorrer a Funai, cujo orçamento, montando a 55 bilhões de cruzeiros, já se encontrava esgotado em abril passado (deveria valer até dezembro próximo).

É comum constatar-se que quando os caciques não concordam com a nomeação de algum delegado regional ocupam as instalações em que

ele desempenharia a função e de lá só se retiram quando a designação é revogada. Isso, quando não sucede como em Londrina, há menos de dois meses, quando caingangues e guaranis, totalizando meia dúzia, espancaram e esbordunaram o delegado Gilberto Antônio Borges e seu auxiliar, Sérgio Henrique Bunge. Fato inusitado, estão sendo todos os agressores processados, com fundamento em disposições diversas do Código Penal, a começar por infração cometida entre as que se compreendem como lesões corporais. A lei é suficientemente clara quando estabelece que o índio só permanece em sua condição original de silvícola, detentor de direitos é destituído de deveres, quando mantém nível cultural primitivo. Evidentemente, ao expressar-se bem em português, vestir elegantes calças *jeans* e camisas da moda, e colar no ouvido, tipo brinco, radinhos de pilha, o índio torna-se cidadão, como qualquer outro — e precisa, é claro, produzir para viver, não querendo incorrer no delito de vadiagem, que a lei das contravenções penais define com palavras que não comportam duas interpretações: vadio é quem se entrega ao ócio permanente.

O que se vê, no entanto, é uma farra incessante, caracterizada pela estada principesca de indígenas em Brasília, às expensas do contribuinte, pois o poder público não gera re-

ursos e aqueles que a Seplan, generosamente, libera para liquidar contas de passagens e estadas de capitães e caciques que se dirigem a Brasília e lá se hospedam, comendo à tripa forra, são os mesmos que toma às pessoas físicas e jurídicas de cujos salários e de cujas receitas é *requisitado* o dinheiro que, afinal, se malbarata com não poucas iniciativas desastradas, inclusive com esse festival de aproveitadores aptos a invadir o gabinete do presidente da Funai e impedi-lo de despachar seu expediente normal.

A loucura coletiva que se dissemina velozmente no Brasil, hoje, é de tal ordem que o quadro esboçado pode, em poucas palavras, ser resumido assim: gastam-se verbas vultosas, que excedem o orçamento da Funai, para sustentar na capital da República indígenas vadios que nada fazem e se permitem *acampar* nas dependências da entidade, cujo presidente não permitem que trabalhe. É d'escachar!

De repente, aparece a solução mágica: urge descentralizar a Funai. Foi o que prometeu o novo presidente, Apoena Meirelles, no discurso de posse, substituindo Villas Boas. Só na semana passada, havia em Brasília 328 "índios"; e todas as semanas novos líderes desembarcam na Capital em busca de atendimento a reivindicações diversas. Como haveria de ser diferente? Se é de graça... Per-

cebe o leitor que tudo isso seria cômico, não sendo, como é, de fato, trágico, por refletir uma mentalidade na qual prevalece a pusilanímia, antes de tudo. Formou-se no País uma *corrente pra trás*, integrada por padres progressistas, antropólogos e sociólogos de esquerda, fadada a *promover* o índio, sobretudo o que não é mais silvícola e, não querendo arcar com os ônus da cidadania, se presta a ser instrumento ideal para que forças centrífugas conhecidas venham a exercer sobre a sociedade a pressão que se pode definir como "tirania do fraco".

A sociedade capitalista, injusta, que fabrica o marginal e o encaminha ao crime, tem de responder também perante os índios. E se não se comportar bem, a demagogia institucionalizada porá a boca no mundo, a mostrar que aqui se maltratam índios e se judia deles, coitados, etc. No fundo da cena, como para muitas outras atividades desenvolvidas (até agora, com pleno êxito), no afã de abalar as estruturas da sociedade, há dinheiro — e do bom, vindo muitas vezes de fora, importado para financiar a ação deletéria daquelas forças. A descentralização da Funai é expediente semelhante ao de *tirar o sofá da sala* — e, seguramente, levará a nada. É o caso de indagar: se se descobrir alguma tribo que ainda pratique a antropofagia, será preciso *alimentá-la* bem, a fim de evitar protestos e reclamações veementes?